

Difícil aumentar exportações ou diminuir as importações

por S. Stéfani
de São Paulo

O Brasil terá muita dificuldade para conseguir chegar ao final de 1983 com um saldo comercial entre US\$ 5 bilhões e US\$ 6 bilhões, considerado indispensável pela assessoria econômica do ministro do Planejamento para que o País possa fechar suas contas a contento no próximo ano. Antônio Ermírio de Moraes, da Indústrias Votorantim, diz-se convencido de que não há como cortar mais ainda as importações. E Setúbal Filho, da Duratex, até o início desta semana presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros, afirma não esperar mais que uma ligeira melhora das vendas externas no próximo ano, não acompanhada, por sinal, pela elevação do preço das commodities, que deverá continuar em baixa.

Ermírio de Moraes não vê possibilidade de uma redução nem mesmo nas importações de petróleo, em que "as compras em níveis atuais estão obrigadas em razão da matriz energética brasileira". Uma matriz energética que Mário Garner, presidente do Brasilinvest, utiliza como prova definitiva de que o Brasil não soube adequar-se às mudanças estruturais provocadas pela crise do petróleo. "Enquanto todos os países industrializados conseguiram reduzir pela metade a relação consumo de energia/produção, no Brasil ela continuou inalterada", comentou. "Assim, na medida em que o tempo foi passando, fomos perdendo mais e mais nosso poder de competição."

AGRAVANTE

Um problema agravado, conforme lembrou Cláudio Bardella, da Bardella — Indústrias Mecânicas, pelo grande salto tecnológico que o mundo industrializou deu nos últimos anos. Um salto particularmente marcante na área de bens de capital. Ele contou que há quatro meses, numa viagem pela Europa e Estados Unidos, se impressionou com a sofisticação das máquinas em oferta no

Brasil, tratou de enviar seus engenheiros para verificar o que daquelas novidades poderia ser eventualmente aproveitado. "Pois bem, o que meus engenheiros encontraram tornava obsoleto tudo o que eu tinha visto quatro meses antes", disse.

E exatamente em função desta situação, por sinal, que Bardella não vê maiores possibilidades de pensar-se, hoje, numa política que busque um superávit da balança comercial através da substituição das importações. "Não há como repetir o modelo adotado no período 29/30", comentou. "O mundo mudou. A realidade, agora, é outra. A tecnologia avança muito mais rapidamente."

DEPENDÊNCIA

Com tais dificuldades para reduzir as importações, a solução poderia vir de um aumento das exportações — hipótese igualmente considerada de reduzidas aplicações práticas por Setúbal. "O Brasil é caudatório do que o mundo vai fazer", argumentou ele. "Estamos amarrados ao consumo mundial que, para usar um chavão, deverá recuperar-se apenas ligeiramente no próximo ano, a partir de uma recuperação igualmente ligeira da economia norte-americana."

Setúbal também credita um forte peso à questão tecnologia. Para ele, "temos de melhorar nossa tecnologia para conseguir melhorar o preço médio de nossos produtos". Ele foi até mais além: "A compra de tecnologia tem de ser ampliada, ou seremos expulsos do mercado internacional por falta de qualidade".

Garnero propõe uma solução mais radical, ainda que de efeitos apenas a médio prazo. Ele acha que, num mundo como o atual, o Brasil não pode mais dar-se ao luxo de ficar incentivando indiscriminadamente suas exportações. "Temos de escolher aquilo em que realmente somos eficientes e passar a incentivar apenas estes poucos setores escolhidos", disse. "Temos de encarar de frente o fato de sermos um país com poucos recursos,

jados na criação de incentivos para a exportação, por exemplo, de enxadas ou de chapéus, tal como acontece hoje."

INTERMEDIÁRIOS

Para Garnero, o Brasil deveria centrar seus esforços, por exemplo, na exportação de produtos manufaturados intermediários na escala de sofisticação de tecnologia, tais como televisores, geladeiras e mesmo automóveis. Produtos, em síntese, que os países mais industrializados começam a ter dificuldades para produzir de forma economicamente viável. "E só ver o grande avanço que Taiwan, por exemplo, está registrando em suas exportações, utilizando-se exatamente desta estratégia", argumentou. "Em qualquer loja norte-americana, européia ou mesmo japonesa podem-se comprar televisores e geladeiras fabricados nesse país. Aqui há um grande espaço de crescimento que o Brasil poderia aproveitar."

Ermírio de Moraes propõe uma transformação ainda mais profunda. Ele considera que esta preocupação com a eficiência não deveria limitar-se apenas à causa da exportação. "O ideal seria que passássemos a produzir apenas aquilo no que somos realmente eficientes e importássemos o restante", advogou. "Ganhariamos mais poder de competição no mercado externo além de melhor qualidade e menor preço no interno."

SAÚDE E EDUCAÇÃO

Uma alteração que, em sua opinião, pressupõe outra: uma reforma nas áreas da educação e da saúde. "O País precisa de pessoas sadias que possam realmente produzir, e com um grau de formação cultural suficientemente elevado para conseguir absorver e gerar as novas tecnologias, cada vez mais sofisticadas, existentes no mundo", raciocinou. "Sem cuidarmos devidamente da educação e da saúde da população brasileira, tudo o mais será impossível de ser alcançado. E o Brasil, sem qualquer sombra de dúvida, estará condenado ao subdesenvolvimento."